



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17391 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 12 - Currículo

CINEMA E CURRÍCULO NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS DE UMA ESCOLA QUE PRETENDE SE REINVENTAR
 Celisa Carrara Bonamigo - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
 Alexandrina Monteiro - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

CINEMA E CURRÍCULO

NARRATIVAS DE DESLOCAMENTOS DE UMA ESCOLA QUE PRETENDE SE REINVENTAR

A Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de Campinas tem delineado o que vou chamar aqui de política curricular com os denominados Programas, que do meu ponto de vista, propõe uma nova configuração para a organização curricular da Rede. No total são 5 programas: Programa Memória e Identidade, Promoção da Igualdade na Diversidade (MIPID); Programa Pesquisa e Conhecimento na Escola (PESCO); Programa Municipal de Leitura e Escrita (PMLE); Programa de Educação Ambiental da Rede Municipal de Ensino de Campinas (ProgEA) e o Programa “Cinema e Educação: a experiência do cinema na escola de educação básica” todos vinculados à Coordenadoria Setorial de Formação.

Todos os Programas têm uma pequena estrutura básica com Coordenadores Pedagógicos e Professores que fazem parte da coordenação. Desde 2021 tenho participado como coordenadora do Programa Cinema e Educação e tenho sido afetada pela potência que as imagens e as histórias contadas por elas movimentam no contexto escolar com crianças e adolescentes e com os professores, seja na apreciação, seja nas reflexões e elaborações que mobiliza, seja nas produções e criações que experimenta.

Pensamentos sobre possíveis relações entre o cinema e o currículo começaram a me estimular e me tirar de um lugar mais estável, que enxergava o cinema como um item de uma lista escrita na grade curricular, colocando-o como eixo organizador de todo o trabalho da educação escolar.

As interações com o cinema, do meu ponto de vista, podem criar situações de aprendizagem, criar possibilidades de experiências. Neste cenário, não há *a priori* e cabe a pergunta: Como pensar num currículo composto por imagens que ainda não existem? Se podemos afirmar junto com Deleuze que a imagem se constrói na imanência, o currículo só poderia ser traçado no pós curso. Não é o reflexo de uma produção pré definida. Criar outras imagens pressupõe outra ideia de escola para sair dos automatismos provocando experimentos de invenção.

Entendo neste movimento a docência como espaço de criação no qual o esquecimento, abrir mão do controle e os exercícios de recriação são propostos. Aprender independe do ensinar. O aprender está na ordem da existência e é uma mudança que só o próprio sujeito é capaz de acessar. Para saber o que o outro aprendeu é preciso perguntar.

Intervir também é (im)preciso – intervir no sentido de explodir possibilidades e não de determinar um resultado. Revisitar a racionalidade científica com o atravessamento dos afetos, algo que acontece para além do controle de começo, meio e fim. Buscar potências que sejam positivas na relação com o conhecimento.

O Saber da arte (perceptos e afetos), o Saber da ciência (campo das funcionalidades) e o Saber da filosofia – exercício de pensamento (campo de criar conceitos) não estão isolados, se atravessam o tempo todo (DELEUZE). Usar o campo das artes para fazer variar os pensamentos nas ciências – voltar-se aos signos buscando outras possibilidades de significados é um movimento potente que provoca ao mesmo tempo pensamento-rizoma e espaços para criação.

O que significa retirar, então, o elemento centralizador, que define? Que pergunta posso fazer para o currículo trocando o ser pelo devir? Pensar o currículo como fluxo – fluxo do acaso, errância. Não se trata do que ele é, mas da potência que ele tem. E neste movimento, pergunto: O que pode um currículo? O que escapa? Quais são as linhas de fuga? O currículo formal, vinculado a uma política, interrompe os fluxos. De que forma é possível resistir e manter os fluxos errantes?

Se entendemos que as aleatoriedades acontecem nos encontros e estes possibilitam a

produção e a criação, o encontro do cinema com o currículo pode provocar acontecimentos. Tudo o que acontece, acontece com as possibilidades dos desvios.

A imagem se anuncia como verdade e se aproxima da ficção. Uma vez que o autor joga a imagem no mundo, torna-se texto e as leituras são as mais diversas. É esta minha aposta e minha questão de investigação: como pode o cinema apreciado, pensado e produzido na escola trazer novamente a narrativa, a história como eixo organizador do currículo escolar permitindo os afetos, devolvendo a vida e o movimento em redes de pensamentos dos estudantes?

Para acompanhar os processos destas produções, não é possível predeterminações ou definições de antemão e como “a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS e BARROS, 2015, pág. 17), meu objetivo é mergulhar na experiência da produção com o cinema em duas escolas da rede, sendo uma do Ensino Fundamental e uma da Educação Infantil acompanhando e registrando o percurso no emaranhado de conexões e rizomas cartografada num mapa que se movimenta e afeta a mim, aos educadores e às crianças.

Vamos juntos experimentar pensar sobre o que acontece e mutuamente nos afetarmos pelas possibilidades trazidas à vista. “Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer, ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber.” (PASSOS e BARROS, 2015, pág. 18).

Como a pesquisa está bem no início, o que anuncio aqui são desejos e intenções e portanto, ainda não há dados suficientes para compartilhar.

Palavras-chave: Currículo, Políticas públicas, Cinema, Educação Básica.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. Kafka. Por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

GALLO, S. Conhecimento, Transversalidade e currículo. In https://www.academia.edu/518339/Conhecimento_transversalidade_e_curr%C3%ADculo

GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender in

http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L.. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre : Sulina, 2015.